

LUISA CORREIA PEREIRA

Possibilidades de expressão

Obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Em 2025, assinalam-se os 80 anos do nascimento de Luisa Correia Pereira (Lisboa, 1945-2009). No âmbito desta celebração, a exposição *Possibilidades de Expressão* terá lugar no Panteão Nacional, um espaço cuja sobriedade contrasta com as delirantes gravuras que a artista desenvolveu entre 1971 e 1974. O trabalho da artista, caracterizado por um desprendimento dos constrangimentos materiais “para maior aproveitamento das possibilidades de expressão”, evidencia uma grande mestria nas técnicas de impressão: *grattage*, monotipia, xilogravura, água-forte e água-tinta. A sua obra gráfica, de vitalidade crescente, reflete uma liberdade de criação e de imaginação invulgar nas formas, nas cores e nas narrativas que representa. Socorrendo-se de elementos gráficos e pictóricos, a artista revela a exaltação do espírito, a alucinação, o entusiasmo contagiante e a celebração da vida, através de um alfabeto singular e de uma linguagem muito própria.

Nascida em Lisboa em 1945, Luisa Correia Pereira viveu no Rio de Janeiro entre 1962 e 1968. Nesse período, colaborou na organização das comemorações do IV Centenário da Cidade e teve o seu primeiro contacto com a gravura, sob a orientação de Milton Cavalcanti. Em 1968, mudou-se para Paris, onde frequentou o Institut Catholique de Paris, concluindo o Curso de Bibliotecária-Documentalista, e trabalhou na Fondation Nationale des Sciences Politiques. Em 1971, iniciou a sua atividade artística com a criação de pequenos desenhos com recurso às técnicas de *grattage* e *frottage*. A obra *Sem título* (1971), executada a lápis de cera, apresenta figuras que evocam medusas oníricas flutuando num mar imaginário. As xilogravuras *Madeira* (1971) e *Deus diz que dá!* (1972) revelam uma aproximação tátil ao suporte, remanescente da *frottage*, já sugerindo as formas lânguidas e expressivas que se seguiriam. Entre 1972 e 1974, foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, desenvolvendo o seu trabalho no Atelier Friedlaender, sob a orientação do gravador Stanley William Hayter. Nesse contexto, aprofundou o domínio de diversas técnicas de impressão, incluindo gravura em metal, xilogravura, serigrafia e monotipia. Todas as obras apresentadas nesta exposição pertencem a este período marcado pela aprendizagem, ao longo do qual uma produção intensa e imaginativa prenuncia uma linguagem visual singular. Artista inquieta e impulsiva, encontrou na monotipia uma técnica que lhe permitia resultados imediatos. Os monotipos *Sem título* (1972) e *Um ser a nadar – um ente nadando* (1973) evidenciam um jogo técnico entre duas passagens pela prensa, demonstrando como gestos simples e materiais acessíveis podem gerar imagens visualmente eficazes.

Nas gravuras em metal *Progressão a vermelho* (1972), *Sem título* (1972), *Sem título* (c. 1972), *Sem título* (1973), *Céu cinzento e chuva, chuva, chuva, chuva* (1973) e *Stairs* (1973), como refere Sérgio Mah, “proliferam signos e símbolos que remetem para os universos da arqueologia, da astrologia e da magia, sendo difícil perceber se estamos perante resquícios de um mundo antigo e entretanto desaparecido ou os escassos sinais de uma terra alienígena por descobrir.” Nas obras *4 Bolas – 4 arcos – 1 pau* (1973) e *O Sol, a força, a terra e o céu* (1973), os símbolos e as cores correspondem aos conceitos expressos nos títulos, como se de um jogo lúdico se tratasse, em que se tenta decifrar o indecifrável e vislumbrar o oculto. A tentativa de atribuir sentido à informalidade do gesto é talvez o traço mais persistente da sua obra — e é na permanência dessa incerteza que reside o humor e a loucura do mundo que a artista representa.

As suas últimas gravuras, *Source animal et vegetal (interchangeable)* e *Source animal et vegetal (interchangeable) III*, datam de 1974. Ambas resultam da combinação de quatro chapas impressas com duas cores, dispostas em linha ou duas a duas. Como observa Gaëtan, “os arquétipos e os bichos bizarros que, como azulejos avulsos, aí emparceiram lado a lado ou em *tête-bêche* não são simplesmente decorativos.” Estas figuras e formas vegetais prolongam o seu universo imaginário, que mais tarde se expandirá na sua obra pictórica. Ao longo do seu percurso, Luisa Correia Pereira revelou uma imaginação invulgar na criação de personagens, narrativas, paisagens e outros elementos gráficos e pictóricos. Através de uma linguagem plástica aparentemente infantil e onírica, construiu um alfabeto visual fantástico, revelador de significados delirantes.

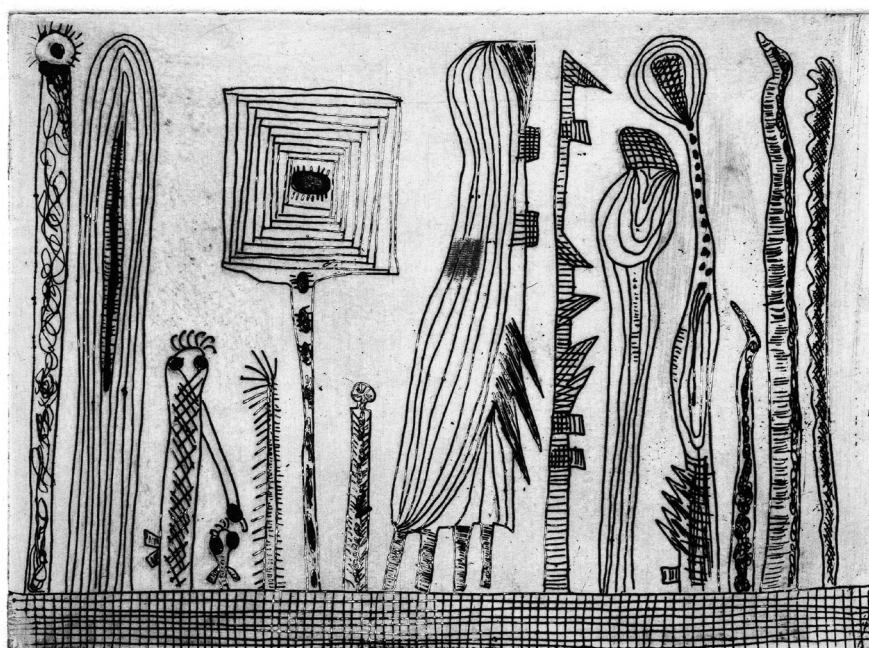
Após a Revolução dos Cravos, 1974, Luisa Correia Pereira regressou a Lisboa. Entre 1979 e 1980, voltou a ser bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo recebido apoios da mesma instituição nas décadas de 1980 e 1990. No final dos anos 1990, interrompeu a sua produção artística — *Vulcão* (1999) é a sua última obra conhecida. Em 2003, a Fundação EDP, em colaboração com o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, organizou a exposição individual “Fiat Lux: Paris-Lisboa”, com curadoria de João Pinharanda. No ano da sua morte, em 2009, foi apresentada a exposição “L’Enfant Terrible”, com curadoria de Maria Filomena

Molder e Gaëtan Lampo, na Galeria de Arte São Roque, em Lisboa. Em 2011, a Culturgest dedicou-lhe a mostra “A convocação de todos os seres”, com curadoria de Miguel Wandschneider, centrada na sua obra gráfica. O legado de Luisa Correia Pereira reflete uma liberdade criativa e imaginativa rara, expressa nas formas, cores e narrativas que construiu. Através de elementos gráficos e pictóricos elementares, a artista criou um alfabeto e uma linguagem próprios, reveladores de uma exaltação do espírito, de uma alucinação poética e de um entusiasmo contagiante.

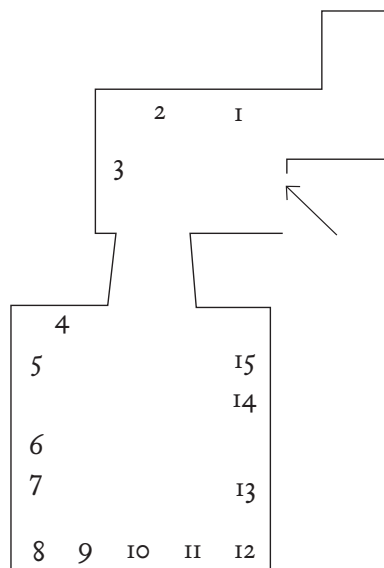
A *Possibilidades de Expressão* é uma exposição que procura conciliar homenagem póstuma e celebração da obra da artista. Instalado desde 1 de dezembro de 1966 na Igreja de Santa Engrácia, o Panteão Nacional acolhe os túmulos de figuras notáveis da história portuguesa – intelectuais, estadistas, artistas, entre outros. Com origem no grego clássico *pántheion* (de *pan*, “todo”, e *theós*, “deus”), a palavra “panteão” designa o conjunto de todos os deuses. Neste espaço consagrado à memória nacional, a presença de obras de arte contemporânea estabelece uma relação simbiótica entre artistas e notáveis. A espiritualidade solene do Panteão contrasta com a imagética vibrante e eufórica de Luisa Correia Pereira. As suas obras, enquanto dialogam com o espaço, parecem perpetuar a sua vitalidade criativa. Através da tensão entre nascimento e morte, esta mostra homenageia a artista desaparecida, revelando a multiplicidade e a diversidade do seu trabalho. A polifonia das obras expostas evidencia a eloquência da sua linguagem visual, na medida em que cada voz ou entoação constitui uma forma presente, questionando narrativas históricas e afirmando a singularidade da sua visão artística.

Hugo Dinis

*



Sem título, Luisa Correia Pereira, c. 1972



1. *Um ser a nadar*
– *um ente nadando*, 1973

Monotipia
26,5 x 57 cm
Inv. 666558

2. *Sem título*, 1972

Monotipia
62,5 x 43,4 cm
Inv. 666554

3. *Sem título*, 1971

Lápis de cera e grattage sobre papel
51,4 x 51,5 cm
Inv. 666549

4. *Deus diz que dá!*, 1972

Xilogravura
Papel (50 x 24,5 cm) / Superfície impressa
(44,7 x 14,8 cm)
Ed. P.A.
Inv. 666551

5. *Madeira*, 1971

Xilogravura
Papel (32,9 x 39,5 cm) / Superfície impressa
(21,8 x 25,7 cm)
Ed. P.A.
Inv. 666550

LUISA CORREIA PEREIRA

Possibilidades de expressão

Obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos

24 set • 28 dez 2025 • ter-dom • 10h-17h

Panteão Nacional – Igreja de Santa Engrácia

6. *O Sol, a força, a terra e o céu*, 1973

Água-forte e água-tinta
Papel (32,5 x 48,3 cm) / Superfície impressa
(19,7 x 30,6 cm)
P.A.
Inv. 666560

7. *4 Bolas – 4 arcos – 1 pau*, 1973

Monotipia
32,5 x 25 cm
Inv. 666561

8. *Stairs*, 1973

Água-forte
Papel (50 x 23,8 cm) / Superfície impressa
(40 x 4,4 cm)
P.A.
Inv. 666556

9. *Progressão a vermelho*, 1972

Água-tinta
Papel (25,1 x 32,6 cm) / Superfície impressa
(18,3 x 18,6 cm)
Inv. 666553

10. *Céu cinzento e chuva, chuva, chuva, chuva*, 1973

Água-forte
Papel (29 x 50 cm) / Superfície impressa
(10,8 x 39,7 cm)
P.A.
Inv. 666559

11. *Sem título*, 1972

Água-forte
Papel (32,8 x 25 cm) / Superfície impressa
(17,5 x 3 cm)
P.A.
Inv. 666555

12. *Sem título*, 1973

Água-forte
Papel (33,1 x 25 cm) / Superfície impressa
(15,1 x 10 cm)
Inv. 666557

13. *Sem título*, c. 1972

Água-forte
Papel (17,2 x 25 cm) / Superfície impressa
(8,7 x 11,9 cm)
Inv. 666552

14. *Source animale et vegetale (interchangeable) III*, 1974

Água-forte e água-tinta
Papel (29 x 50 cm) / Superfície impressa
(9 x 47,6 cm)
P.A.
Inv. 666567

15. *Source animale et vegetale (interchangeable)*, 1974

Água-forte e água-tinta
Papel (32,9 x 44,6 cm) / Superfície impressa
(17,9 x 24,7 cm)
P.A.
Inv. 666568

PROGRAMAÇÃO E COORDENAÇÃO DA COLEÇÃO DA CGD Lúcia Marques (Culturgest)

CURADORIA / PRODUÇÃO Hugo Dinis (Culturgest)

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA Maria Manuel Conceição (Culturgest)

COORDENAÇÃO / PRODUÇÃO Santiago Macias e Isabel Inácio (Panteão Nacional)

DESIGN Sofia Gonçalves